

REFLEXÕES SOBRE O TEXTO E SUAS NOVAS POSSIBILIDADES: A AUTORIA NO SITE

Claudia Freitas Reis
IFSP

*¿Quién está dispuesto a
desplazarse, a desafortunarse, a
descentrarse, a descubrirse?
(Rayuela, Júlío Cortázar)*

Resumo: Neste trabalho, apresento uma reflexão sobre as relações de autor e leitor no texto que circula no ciberespaço. Problematizo a escrita neste espaço, a materialidade dos textos produzidos neste espaço e, baseada em uma análise de um website, discuto a configuração da cena enunciativa e a proposta de tradução apresentada pelo site, o que possibilita e embasa minhas reflexões sobre as especificidades do funcionamento do texto na Internet e a constituição de uma nova possibilidade de ser do texto. Utilizo como base teórica e metodológica os preceitos da Semântica do Acontecimento.

Abstract: In this work I present a study of the relations between author and reader in the text that circulates in cyberspace. I problematize the writing process in that space, the materiality of the texts produced in that space and, based on the analysis of a website, I discuss the configuration of the enunciative scene and the proposed translation submitted by the website, which enables and underlies our analysis on the specificities of how the text operates on the Internet as well as the creation of a new possibility for the text. I use as theoretical and methodological basis the precepts of the Semantics of Event.

Introdução

Nos últimos anos, venho refletindo sobre a questão do texto na Internet. Meu ponto de partida é a demanda que a teoria que sustenta minhas reflexões apresenta, ou seja, quando lanço a hipótese de que há uma especificidade do texto funcionando no ciberespaço, parto da forma como o método de análise proposto por Guimarães (2002) em torno do sentido de uma palavra e de sua formulação sobre a relação palavra-enunciado-texto problematiza esta questão. Assim, este lugar teórico me levou a amadurecer a questão ao longo de alguns trabalhos cujo *corpus* de análise eram textos publicados na Internet em sites, motores de busca como Google, blogs, etc.¹ Neste trabalho com o *corpus*, passei a refletir sobre a materialidade dos sites e a forma como esta materialidade me levava a propor deslocamentos teóricos para pensar o texto neste espaço. Desta forma, podemos dizer que as problemáticas propostas estão intimamente ligadas ao exercício analítico.

O eixo deste deslocamento está relacionado, especificamente, com a forma como Guimarães define texto: pela relação integrativa entre palavras, enunciados e texto (GUIMARÃES, 2011). Ao tomar esta formulação, parece-me pertinente propor reflexões que tocam na questão da hipertextualidade, ou seja, como considerar os deslocamentos textuais promovidos pelo hiperlink, levando em conta esta relação integrativa? Como pensar no sentido da palavra na relação com os links? A hipertextualidade impressa possui o mesmo funcionamento que a hipertextualidade digital?

Neste artigo, pretendemos apresentar reflexões em torno do funcionamento do texto na Internet. Para tanto, trarei, primeiramente, algumas considerações sobre a escrita neste espaço. Em seguida, apresentarei uma análise de um site para discutir, pela problemática da tradução e pelo layout da página, as questões relativas ao funcionamento do texto na relação com o memorável da Internet, que recorta o sentido de *circulação de tudo*, e com elementos da cena enunciativa que nos permitam pensar na constituição dos lugares de autor e leitor. Desta forma, objetivamos problematizar a hipótese de que há especificidades do funcionamento do texto na Internet e a constituição de *uma nova possibilidade de ser* do texto na relação com o ciberespaço.

1. Ponto de partida: escrever na era digital

É sempre complexo definir de onde parte uma questão, um estalo que nos faz pensar sobre determinados problemas e formular hipóteses de reflexão. Por outro lado, a obviedade de centralizar o problema do que seja o *texto* ou a *língua* dentro da Linguística se esconde, justamente, neste lugar em que a proximidade com o objeto nos levaria a uma naturalização da relação do analista com o mesmo, o que nos encaminharia a uma espécie de aceitação do que já se apresenta conceituado, ou seja, o incômodo de muitas vezes ser encorajada a abandonar a pergunta que teria uma resposta óbvia, foi, justamente, a alavanca que me levou sempre a retomar a questão: O que é língua? O que é um texto? A primeira pergunta foi o norte de minha tese; já a segunda será o lugar de reflexão deste artigo.

Desta forma, o ponto de partida para propor a reflexão sobre o funcionamento do texto na Internet e, especificamente, sobre as aproximações e afastamento do que seria o texto *fora e dentro* da Internet, é justamente a demanda que temos ao nos propor trabalhar com a linguagem, seja como um objeto de análise, seja como uma relação fundamental para a própria produção de conhecimento.

Começo, então, por três questões que são sempre latentes para que eu insista na formulação do questionamento a pouco esboçado:

1. A Internet como um espaço de enunciação e a forma como é possível pensar a distribuição de línguas na relação com as condições de produção da materialidade digital;
2. A produção do texto digital na relação com o texto impresso;
3. A Internet e a circulação dos textos.

Sobre a primeira questão, já afirmei em outros trabalhos a consideração da Internet como um espaço de enunciação, na linha do que propõe Guimarães (2002), já que é um espaço de distribuição de línguas a falantes, mas sobretudo pela:

velocidade e o tempo; a espacialidade; a relação entre o oral e o escrito; a própria forma como, materialmente, uma língua é ou não possibilitada de circular, (...) regulação de ordem técnica que implica na distribuição das línguas neste espaço. (REIS, 2015, p.31)

Tratar a Internet como um espaço de enunciação nos leva a inserir o político em nossas reflexões e a refletir sobre o funcionamento da língua que não é outra, não é uma língua da Internet, mas que está, de certa forma, condicionada a outros meios materiais de circulação, distribuição e hierarquização, próprios do ciberespaço.

Podemos dizer que o tópico 1 embasa nossas reflexões; mesmo que não seja explicitado neste trabalho específico é sempre um lugar teórico que direciona as descrições e análises que realizo. Sobre os tópicos 2 e 3, a produção do texto digital na relação com o texto impresso e a circulação dos textos na Internet, falaremos com mais detalhes na sequência do texto, já que serão pontos centrais do que segue.

1.1. Texto e site: a questão da autoria na relação com a materialidade

Pensemos nas duas questões de maneira separada: 1. Os meios materiais de produção de texto digital; 2. A forma como a digitalização do texto e a Internet permitem a circulação destes textos.

Tomemos algumas questões apontadas por Paixão de Souza (2009), cujas reflexões nos servem de norte para propor algumas hipóteses mais adiante. Nesse texto, a autora concentra sua descrição na construção de um quadro que leva a pensar nas formas que, historicamente, nos serviram para a representação escrita da linguagem. De acordo com a autora, se tomarmos como eixo esta propagação no tempo e no espaço, podemos ter boas pistas para esboçar as primeiras diferenças entre a escrita tradicional e a digital. Apesar de uma aparente similitude entre desenhar as letras e pressionar os teclados no que diz respeito à ação de associar símbolos a sons, processo que considera de um plano lógico sensorial, a autora chama a atenção para a necessidade de transformação da escrita simbólica em números para que seja possível a digitalização dos símbolos inteligíveis aos leitores/escritores de uma maneira geral. Desta forma, no processo de escrita digital, além da relação *lógico-sensorial*, teríamos também a relação *lógico-artificial*, advinda desta necessidade de transposição do código *fora* para sua existência *dentro* do computador. Sobre o processamento artificial, a autora nos diz:

O processamento artificial funciona como uma cadeia complexa de composições e decomposições de informação binária, que “quebram” a corrente daquilo que, nas mentes humanas, chamamos de “leitura”. Depois de “quebradas” – ou seja, depois de decompostas em pedaços mínimos de informação binária – as informações precisarão ser recompostas em linguagem legível na interface. No caso do processamento de textos, e tomando ainda o exemplo dos caracteres: os caracteres decompostos em códigos binários precisam ser recompostos sob forma de caracteres, e então sob forma de grafos humanamente legíveis. (PAIXÃO DE SOUZA, 2009, p.169)

Considerando, então, este entremeio entre o humano e o texto no processo de construção do texto no computador, a autora proporrá a necessidade de se conceituar o texto digital nesta relação indissociável com a codificação matemática dos símbolos criados no processo de escrita para que eles possam existir digitalmente. Desta forma dirá que:

Podemos sair deste labirinto conceitual aceitando o problema nos seus dois planos inseparáveis, abordando os “textos digitais” como camadas de informação matemática e informação humana, as quais, combinadas, formam o que percebemos como “o texto”. Definiremos então o texto “digital” como o texto cujo processo de difusão envolve a codificação de informação por linguagens artificiais, e que se constitui materialmente como informação linguística codificada matematicamente e apresentada com a forma de escrita humanamente legível. (PAIXÃO DE SOUZA, 2009, p.173)

Assim, trazendo estas considerações de Paixão e Souza, vale a pena esclarecer que quando pensamos sobre o texto na Internet, estamos pensando nos textos que se constroem neste suporte acessível via computador, os sites. Isso porque poderíamos trabalhar, por exemplo, com arquivos digitalizados, uma página de livro que digitalizo e lanço em um site, por exemplo. Neste caso, se estamos pensando na construção do texto, não teríamos grandes questões para discussão; teríamos, sim, uma importante diferença no que concerne a

circulação deste texto. No entanto, gostaríamos de centrar o problema da construção textual que se realiza em um site.

O site será por nós entendido como um conjunto de páginas HTML², ou seja, um conjunto de hipertextos, cujas páginas publicadas formará o que conhecemos como world wide web. Centraremos nossos estudos no site, entendendo que pode haver algumas diferenças entre este formato de texto e blogs, portais, hotspots, por exemplo. Sobre esta questão, tomemos a consideração de que:

A internet é algo tão gigante e complexo que fica difícil classificar os sites utilizando um modelo. Por esse motivo, além da classificação quanto ao conteúdo, quem trabalha com a criação de sites devemos classifica-los também quanto ao seu propósito.³

Assim podemos pensar em diferentes formatos de sites: institucionais, e-commerce, informação, blogs e redes sociais. Estas possibilidades definiriam, por exemplo, a forma como o site é arquitetado para que se tenha uma disposição de informações específica que permita uma navegação centrada em postagens cronológicas (blogs) ou com foco em disponibilizar não só informações, mas também ferramentas, como buscadores, aos seus usuários (portais)⁴.

Coloquemos uma nova questão: poderíamos pensar em dois processos diferentes, mas convergentes, que compõem a escrita neste espaço: a escrita do site, ou seja, a construção da arquitetura que permitirá e organizará o texto que existiria fora do computador para existir dentro do computador, e, na sequência, o texto que existiria *off-line* para existir *online*. Primeiro, para que os textos sejam legíveis e inteligíveis, e possam ser representados na tela do computador em determinada língua alfabética, precisam passar por um processo de matematização deste alfabeto, ou seja, cada caractere precisa de um algoritmo⁵ para que possa ser representado na tela do computador. Já para existirem em um site, além desta prévia matematização anteriormente descrita, precisam estar repletos de instruções “invisíveis” para que existam de fato. Estas instruções são a base para a construção das páginas HTML. Nas figuras 1 e 2 temos uma exemplificação disso. Na figura 1 temos “os bastidores” da interface

acessível aos internautas. A imagem ilustra o texto na relação com as instruções em HTML. Observamos que cada enunciado aparece entre instruções do tipo `<title> ... </title>` (A) ou `<h1>...</h1>` (B). Estas instruções chamadas *tags* “informam o browser⁶ a estrutura e o significado de seu texto” (FREEMAN, E.; FREEMAN E., 2008, p.05). Assim, para que tenhamos o texto nos moldes do que aparece na figura 2, precisamos, primeiramente, dominar uma outra linguagem que possibilita a legibilidade e inserção do texto *offline*.

```

<html>
<head>
  <title>Head First Lounge</title> (A)
</head>
<body>
  <h1>Bem-vindos ao Bar Use a Cabeça</h1> (B)
   (C)
  <p>
    (D) Junte-se a nós qualquer noite dessas para beber<a ref="bebidas/
    elixir.html">elixires</a> refrescantes, ter um bom papo
    e talvez algumas partidas de <em>Dance Dance Revolution</em>. (E)
    O acesso wireless está sempre disponível;
    TSPSW(Traga Seu Próprio Servidor Web).
  </p>
  <h2>Como chegar</h2> (F)
  <p>
    (G) Você nos encontrará bem no centro da cidade
    de Weblândia. Junte-se a nós!
  </p>
</body>
</html>

```

Figura 1 - Código HTML – página 04

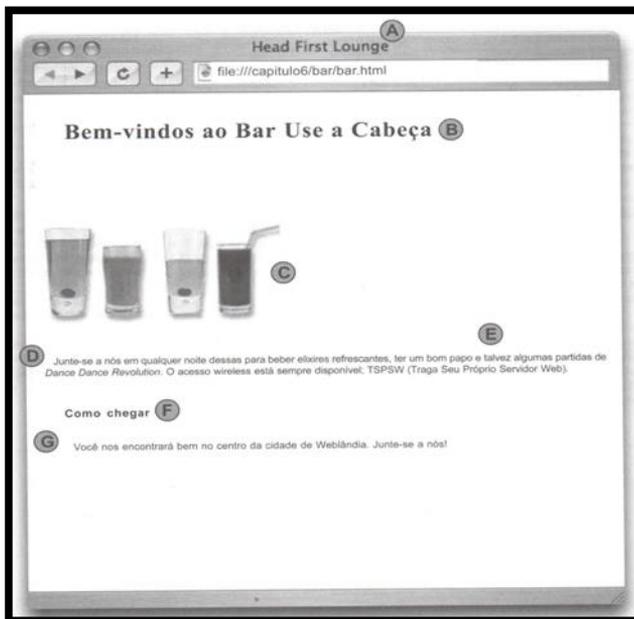


Figura 2 – Imagem exibida pelo browser – página 05

De acordo com Freeman, E. & Freeman, E., “a única coisa que separa você da web é a capacidade de aprender a linguagem: Hyper Text Markup Language, ou HTML” (FREEMAN, E.; FREEMAN E, 2008, p.01). Eu diria que o domínio da linguagem HTML não nos separa da web, já que a relação com a web está posta pela possibilidade de navegação; eu diria que o acesso a este tipo de linguagem nos limita enquanto autores, ou talvez instaure uma nova relação de autoria. Pensando nesta questão, especificamente por parte de alguém que não domina a linguagem HTML, já podemos lançar o fato de que a liberdade tanto do autor, cujo texto fará parte do site, e até mesmo do leitor, que pode navegar livremente pelos links, está condicionada à forma como o site é arquitetado. Ou seja,

Apesar da possibilidade de escolha conferida ao leitor/navegante, vejamos que elas são delimitadas pelo autor da página. Assim, a liberdade é apenas um efeito de sentido que recai sobre a ideia de que na Internet há espaço para inserção e

acesso de tudo que está ali depositado ao alcance do nosso click! (REIS, 2015, p. 88)

Não adentraremos muito mais nestas instruções técnicas de como desenhar o site e dos elementos necessários para que os textos ali existam, por conta de nossos propósitos. Esta breve exposição nos servirá para problematizar a questão da autoria, tomada de uma maneira mais ampla: quem, de fato, é o autor do texto: aquele que domina os códigos que permitem a inserção dos textos no site, ou aquele que cunhou o texto *offline*? Como isso pode ser apreendido na enunciação?

1.2. Sobre o lugar do leitor e do autor

Partindo da consideração de que a Internet é um espaço de enunciação (REIS, 2015), o que significa dizer que neste espaço temos uma distribuição política de línguas a falantes, pensemos de forma mais específica em duas questões que aproximam nossas reflexões aos problemas enunciativos: a questão do leitor e do autor.

Antes, no entanto, explicitemos como consideramos o texto: “uma unidade de sentido que integra enunciados no acontecimento de enunciação” (GUIMARÃES, 2011, p.19). Para o autor é esta relação de integração que faz funcionar o sentido. No entanto, sobre esta relação integrativa que se constrói a partir do que propõe Benveniste, é necessário dizer: 1) não é uma relação do tipo enunciado a + enunciado b = texto, já que entendemos que o texto integra os enunciados; 2) o dito anteriormente nos leva a entender que não tomaremos sentido por uma segmentação, mas por uma integração, sendo “o sentido dos enunciados esta relação de integração” (GUIMARÃES, 2011, p.23).

(...) todo enunciado significa um engajamento específico do Locutor (uma performatividade específica), o texto como um todo se apresenta por um engajamento particular do Locutor, num certo espaço de enunciação, com o texto. A este engajamento do locutor com o texto vou chamar de relação de autor. Neste sentido diria que este engajamento do Locutor com o texto se dá pelo agenciamento do falante, no espaço de enunciação, como autor. (GUIMARÃES, 2011, p.25)

Tomemos as propostas de Guimarães (2013), que desenvolve e retoma questões apresentadas em Guimarães (2011) e que nos servirão de sustentação para desenvolver a hipótese esboçada: como pensar o lugar da autoria, se tomarmos o texto no site? Minha proposta não é trabalhar em torno da conceituação de autor, mas propor um olhar para esta figura, pensada enunciativamente, no site tomado enquanto um texto. Retomando, então, a questão lançada, se para escrever em um site precisamos ou dominar os códigos que permitem a organização do site, ou ter alguém que intermedeie esta inserção, como podemos pensar na autoria?

Neste texto referido, Guimarães propõe a disparidade entre os lugares do autor e do leitor, partindo da questão do acontecimento da enunciação. Considerando que autor e leitor são lugares sociais constituídos na enunciação, sua hipótese é a de que esta disparidade está atrelada ao tempo do acontecimento. Assim, diz que:

Ser leitor é ser tomado por um lugar social de leitor, em outro acontecimento (em outra temporalidade) que não é o acontecimento da enunciação do texto. O lugar social de leitura é, diríamos, um alocutário-y a partir do qual se interpreta, inclusive, as relações da cena enunciativa que o lugar de autor projeta. Ou seja, não se pode analisar um texto sem levar em conta seu próprio modo de enunciação e aquilo que ele estabelece pelo funcionamento de suas formas de linguagem, mas o lugar de leitor não é o lugar projetado no texto pelo autor. (GUIMARÃES, 2013, p.197)

A reflexão de Guimarães nos interessa, especificamente, pela sua proposta de disparidade e, sobretudo, pela afirmação de que o leitor não se constitui por uma projeção do autor, ele é outro lugar marcado por uma temporalidade outra. Desta forma, continua Guimarães:

Ser autor e ser leitor são relações constituídas por acontecimentos diferentes relativamente ao mesmo texto, e isto por si significa a não univocidade dos sentidos para um texto, significa a abertura do texto a interpretações segundo os lugares de leitor que se constituírem para a análise. (GUIMARÃES, 2013, p.203)

Teríamos, então, uma convergência de temporalidades que movimentaria o sentido do texto: o mesmo texto cortado pelas temporalidades díspares do autor e do leitor, sendo, justamente, este cruzamento o próprio lugar da heterogeneidade semântica, das múltiplas possibilidades de sentidos.

Considerando esta disparidade, gostaria, então, de focar o lugar de autoria, retomando as especificidades do texto digital em dois aspectos: 1) A escrita do texto no computador; 2) A escrita do texto no site. Minha questão é pensar na autoria nestes dois lugares e em como, por outro lado, estes dois lugares se diluem, apresentado-se, na enunciação, como o mesmo. Poderíamos pensar na disparidade destas duas instâncias de autoria que, no entanto, são projetadas, no acontecimento do leitor, como um só lugar. Por outro lado, poderíamos considerar uma partição deste lugar quando consideramos o alocutário-x que, desde seu lugar social, constrói uma relação de autoria pelo texto que lê, ou seja, um alocutário-webdesigner (leitor) significa o locutor-webdesigner (autor) por uma relação com o texto que um alocutário-internauta (leitor) talvez não construa. Ou seja, neste lugar de observação, no site, a autoria estaria, pelo próprio fato da disparidade dos lugares de autor/leitor cujas temporalidades são outras, atrelada ao acontecimento pela relação que o leitor estabelecerá com o texto, de como o leitor projeta diluindo ou fundindo os lugares sociais (aquele que arquiteta o site e aquele que se representa socialmente).

2. Um texto, muitas línguas e um click

Um fato que tomaremos para incrementar nossa discussão é a possibilidade de termos um site em versões para diferentes línguas. Esta problemática de um texto em diferentes línguas pode nos ajudar a desenvolver o que propomos sobre a autoria em uma outra instância. Seria, então, uma forma de democratização das informações e do conhecimento, já que permite que os leitores/navegadores acessem o mesmo conteúdo em diferentes línguas. Assim, “A possibilidade de ler em diferentes línguas as informações de um mesmo *site* faz significar um sentido de democratização já que, desta forma, garantimos acesso à informação.” (REIS, 2015, p.78). Vejamos que

esta forma como o site passa a significar como um lugar em que todas as línguas podem existir está pautado no ideal da Internet como um *lugar de tudo*.

Em Reis (2015), dissemos:

A tradução aparece hoje como uma forma de acesso à informação, muitas vezes uma espécie de ferramenta divina, paradoxalmente atrelada à ideia de uma língua universal, onde não seria necessário traduzirmos nada; um meio de solucionar a problemática babélica do mundo atual, problemática esta que fica ainda mais evidenciada quando pensamos nas possibilidades de interação que brinda o “cibermundo”. (REIS, 2015, p.78)

Poderíamos pensar que, no limite, qualquer língua pode ser traduzida diante dos tantos tradutores online; a língua, desta forma, não seria mais uma barreira para a comunicação entre os povos conectados, seria ela uma forma de acesso a tudo. Vejamos que esta peripécia do mundo ciberespacial deixa ainda mais instigante a pergunta que já fizemos no início do artigo: *há diferenças entre o texto impresso e o digital?*; ou ainda *de quem é a autoria dos textos traduzidos?*; ainda mais instigante: *quem é o autor do texto traduzidos pelas próprias máquinas?*

Pensando nestas questões, em uma busca despreziosa pelo nosso conhecido *Google*, fiz a pergunta “todas as línguas existem na Internet?”⁷. Dos resultados apresentados já no início da lista, cheguei ao seguinte site⁸ que servirá para nossas reflexões a partir de agora:



Figura 3. Site apontado pelo Google

O site em questão tem como propósito a divulgação da religião “Testemunhas de Jeová”, religião conhecida, primordialmente, por sua conduta de evangelização *de casa em casa*. A página que é rastreada é uma das páginas que compõe o site institucional. Esta possibilidade está relacionada ao formato HTML que vai articulando as diversas interfaces na costura da hipertextualidade. Assim, apesar das camadas que compõem o site estarem atreladas pelo esquema de linkagem possibilitado por este tipo de linguagem, é como se as páginas tivessem uma possibilidade de existência independente das outras. Ou seja, a página é apresentada pelo buscador independente da página de abertura do site.

Primeiro, façamos uma análise da figura 1, que é a parte superior da página apresentada pelo Google. Se considerarmos o site como um texto, veremos um primeiro deslocamento importante: as imagens e os links que fazem significar este texto. Um texto que será construído no movimento de navegação e que significa por este movimento. Pensemos nos dois movimentos de constituição: a forma como ele foi arquitetado e que determinará, por exemplo, os títulos, as posições dos links na página, a cor do texto de apresentação; e o texto que se lê e que só existe *online* por conta dos caracteres disponíveis nos computadores. Outro ponto fundamental é que a escrita do texto no site passa, necessariamente, por uma escrita técnica, restrita aos que dominam a linguagem HTML, mas que, no entanto, se dilui e se representa, na cena enunciativa, por um lugar social que apaga esta

exclusão técnica, ou seja, enunciativamente o lugar social, o locutor-x que seria o lugar de autor, é ocupado por um locutor-x que vou chamar de locutor-evangelizador-institucional que fala de um lugar de coletividade, representado por um enunciador-coletivo. Assim, estudando a cena enunciativa, o lugar do autor técnico, ou seja, o locutor-web designer se dilui. A autoria, representada nos sites por um lugar social que pode ser ocupado por qualquer grupo social (jornalistas, evangelizadores, professores, empresários, etc), confere, então, o sentido de que a *web é para todos*, apagando a restrição de acesso a este espaço que requer um domínio de linguagem acessível apenas aos que dominam a linguagem da programação. O enunciado *nosso site agora disponível em mais de 300 idiomas!* corrobora o dito anteriormente na medida em que reitera o dizer coletivo, *nosso*, e instaura a atualidade do texto enunciado na relação com a palavra *agora*.

Vejam também como os links significam “testemunhas de Jeová” pelos sentidos das palavras que os representa: reuniões, celebrações, congressos, atividades, escritório e visitação, mas de forma mais contundente, pela relação com a imagem que projeta os fiéis desta religião. As primeiras palavras movimentam o sentido institucional da religião, significando o texto na relação com as atividades institucionais dos que se reconhecem como pertencentes a este grupo. Temos também o domínio *.org* que relaciona a página a uma organização não governamental. Poderíamos inclusive sugerir que esta relação institucional funciona como argumento que legitima a religião pela institucionalização de suas condutas o que nos leva a conclusão *a religião é institucionalizada, portanto confiável; seja um fiel*.

Na leitura da imagem, os fiéis são significados pelo acesso “à palavra”, possibilitado por *tablets* e *smartphones*; a bíblia impressa dando lugar a sua forma digital. E a forma digital, aliada à velocidade da Internet impacta, não só nesta nova forma de existir do texto, o texto digital, mas em uma nova forma de circulação do texto, o texto no ciberespaço; mais ainda, temos esta espécie de multiplicação, sem limites, do texto possibilitado pela tradução. A tradução frenética anunciada pelo site, que permite um alcance nunca antes visto “algo que nenhum outro site conseguiu até agora!” e que independe de anos de tradução e da publicação impressa. Não falamos mais em

exemplares vendidos, mas em “sites mais visitados”; não cuidamos mais de quem escreve, mas do número de leitores que podem acessar aquele texto; não precisamos mais procurar (pelo efeito da completude que a Internet mobiliza); está tudo ali, na tela, atrás do link que revela, em um click, o mesmo texto em qualquer língua; *em todas as línguas?*

Tentando articular de forma mais contundente nossas hipóteses sobre a autoria no site, trouxemos a tradução que nos permite enfatizar o caráter quantitativo do texto (o mesmo texto multiplicado pelas versões traduzidas) em detrimento da legitimidade de quem o redige. Orlandi (2001) em uma resenha de Cerquigliani (1989)⁹ aponta:

[...] O nome que se põe na folha destinada à impressão autoriza, permite a multiplicação singular de um fragmento da escrita e dá a esse fragmento o estatuto de um texto: ele o mune de um autor, isto é, de uma origem e de um direito; ele o dota de uma forma canônica, isto é, de uma conformidade estável. (ORLANDI, 2001, p.79)

Vejamos como isso se desloca quando pensamos no site. Há muitos textos assinados na web, especialmente quando eles são vinculados em sites de notícias que divulgam reportagens. No entanto, isso não é uma regra. No site que estamos analisando, esta marca de autoria se constrói pelo texto publicado que está vinculado aos fiéis ou, como estamos propondo, também na relação do leitor especialista com o autor especialista. A assinatura mencionada na citação dá lugar ao *copyright*, deslocando a autoria para um domínio institucional, como se, ao tomarmos o texto impresso, transferíssemos a autoria para as editoras.

Teríamos, então, dois lugares para pensar a diferença entre o texto impresso e o digital: a problemática da tradução que permite uma circulação de um mesmo site, de um mesmo texto, em 300 línguas, ao alcance de um click; neste caso o grande impacto está no movimento de navegar que dispensa a ida física a uma livraria e coloca ao alcance de todos, ao alcance do mundo, as informações vinculadas ao site. Outra questão é a consideração deste duplo lugar de autoria (autor técnico que arquiteta o site e o autor do, poderíamos chamar,

conteúdo) que, no caso do nosso exemplo, é representado, na enunciação, por um locutor-evangelizador-institucional que apaga esta disparidade. O lugar de autor ocupado socialmente pelo evangelizador-institucionalizado significa este lugar social como apto e habilitado a ocupar este espaço de enunciação, justamente porque apaga este autor especialista; no mesmo movimento que o leitor que navega no site é atravessado pela liberdade de construção textual que apaga toda a arquitetura do site, os leitores são levados a navegar por mares que, na verdade, foram organizados; por trás dos efeitos de um sem fim de possibilidades de escolhas brindadas pelos clicks não lineares está toda uma construção propostas por um autor que desenhou, previamente, os percursos para desbravarmos o site.

Considerações finais

O que procuramos mostrar neste artigo foram alguns aspectos do texto funcionando na Internet e de que forma esta demonstração nos permitiria problematizar a questão da autoria pelo viés enunciativo. Expusemos algumas questões técnicas relativas à escrita digital para que pudéssemos tomar o site em duas instâncias de autoria: o autor técnico, que arquiteta e projeta o site e o autor que, enunciativamente, ocupa determinado lugar social. Para ilustrar esta hipótese, realizamos uma análise do site *www.jw.org* e verificamos como a autoria pode ser problematizada por estes dois lugares, assim como na relação com a tradução de um mesmo texto a várias línguas. Não objetivamos, com esta exposição, reformular o conceito de autor, mas problematizar as novas relações possíveis entre autor-leitor no texto funcionando na internet.

Para finalizar, gostaria de trazer uma formulação de Dias (2013) que fecha ao mesmo tempo em que provoca a continuação do que expusemos:

Para mim, a ciborgização não está apenas no “uso” da tecnologia para produção de homens-máquina, de híbridos, mas no efeito de controle que o discurso da tecnologia produz sobre a subjetividade e sobre a sociedade, seja nas políticas científicas, nas políticas públicas educacionais, na ideia de

mundo global, ou nos comerciais de TV, publicidades etc.
 (DIAS, 2013, p.63)

Esta citação parece estranha e deslocada do que apresentamos no corpo do artigo, mas interessa e amarra a discussão pelo enunciado “*o efeito de controle que o discurso da tecnologia produz sobre a subjetividade e sobre a sociedade*”. Este efeito de controle que a tecnologia produz e o sentido de completude que a Internet mobiliza são, para mim, elementos que nos levam a repensar esta relação do *online* com o *offline*. O desenvolvimento da tecnologia que impacta as nossas relações cotidianas e um dos produtos deste desenvolvimento tecnológico, o advento da Internet, colocam-nos diante de novas dimensões e possibilidades de ser, convidando-nos a questionar e provocando-nos seja na posição de analista, seja no lugar ordinário de navegantes, desbravadores de novos mundos tão virtuais e tão reais, na insistente provocação sobre a disposição de “nos deslocarmos, atrevermo-nos, descentrarmos e de nos (re)descobrir”¹⁰.

Por fim, este artigo toca de maneira bastante sutil em uma problemática que pretendemos trabalhar com mais detalhes em trabalhos futuros, sendo este texto apenas um primeiro exercício para pensar nesta questão da relação autor/leitor/texto/Internet.

Referências bibliográficas

- DIAS, C. (2013). “Sujeito Digital: sentidos de um novo paradigma”. In: GUIMARÃES, E. R. J. (org). *Cidade, Linguagem e Tecnologia: 20 Anos de História*. Campinas: Labeurb.
- FREEMAN, E.; FREEMAN E. (2008). *Use a cabeça! HTML com CSS e XHTML*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2^a ed.
- GUIMARÃES, E. (2002) *Semântica do Acontecimento*. Campinas: Pontes.
- GUIMARÃES, E. (2011) *Análise de Texto: Procedimentos, Análises, Ensino*. Campinas: Pontes.
- GUIMARÃES, E. R. J. (2013). “Ler um Texto: uma Perspectiva Enunciativa”. In: *Revista da ABRALIN*, v. XII, 2, p.189-205.
- LOPES, D. C.; MELO, E. C. (2002). *Desenvolvimento de Algoritmos*. Disponível em:
 <<http://ftp.ufv.br/dea/ Disciplinas/Evandro/Eng691/Material%20Didatico/ApostilaAlgoritmos.pdf>>. Acesso em: 14 de maio de 2016.

- MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (2004). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucena.
- ORLANDI, E. (2001). *Discurso e Texto: Formulação e Circulação de Sentidos*. Campinas: Pontes.
- PAIXÃO DE SOUZA, M. C. (2008). “Memórias do texto”. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 2, n. 1. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1420/1131>>. Acesso em: 25 de julho de 2016.
- PAIXÃO DE SOUZA, M. C. (2010). “Conceito material de ‘texto digital’: um ensaio”. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 159-187. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2009v5n2p159/13192>>. Acesso em: 25 de julho de 2016.
- PAIXÃO DE SOUSA, M. C. (2013). “Texto digital: Uma perspectiva material”. In: *Revista da ANPOLL*, v. 1, p. 17-60.
- REIS, C. F. (2010a). *Os sentidos de portunhol e spanglish no espaço enunciativo da Internet: Um estudo das relações de determinação e (des)legitimação*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp.
- REIS, C. F. (2010b) “Uma Política de Língua para o Ciberespaço: Sobre os Limites da ‘Igualdade’”. In: *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, nº25, p 93-108. Campinas: Editora RG.
- REIS, C. F. (2015). *A designação de língua: sentido, argumentação e o texto no ciberespaço*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp.

Palavras-chave: Semântica do Acontecimento, texto, ciberespaço.

Keywords: Semantic of the Event, text, cyberspace.

Notas

¹ Desde o mestrado estabeleço esta relação com a temática da Internet. Veja-se, por exemplo, Reis (2010a, 2010b, 2015^a e 2015b).

² HTML (Hyper Text Markup Language) é um dos tipos de linguagem para escrita das páginas web. Há outras possibilidades como as linguagens XHTML (eXtensible Hypertext Markup Language), HTML5(Hypertext Markup Language, versão 5) e CSS (Cascading Style Sheets).

³ Disponível em: <<http://universidadedosite.com.br/diferentes-tipos-de-sites/>>. Acesso em: 14 de maio de 2016.

⁴ Fica a proposta para um estudo mais aprofundado destas diferentes formas de construção dos sites.

⁵ Informalmente, um ALGORITMO é qualquer procedimento computacional bem definido que tenha algum valor ou conjunto de valores como ENTRADA e produza algum valor ou conjunto de valores como SAÍDA. Portanto, um algoritmo é um conjunto de passos computacionais que transformam uma entrada de dados (problema) em saída de dados (solução).

⁶ *Browser* é um termo que se refere aos conhecidos navegadores que são programas que permitem o acesso às páginas web.

⁷ É importante dizer que as buscas que fazemos no Google estão cada vez mais personalizadas. Quando digitamos um termo para ser pesquisado, os robôs do Google fazem uma pesquisa no banco de dados do servidor que rastreia as páginas web que possam ter relação com a palavra-chave apresentada pelo usuário. Dentre os critérios que estes robôs usam para organizar os resultados estão as próprias informações que os usuários fornecem a partir de suas buscas anteriores. Para confirmar isso, pedi para que uma amiga realizasse a mesma busca em seu computador pessoal. As páginas apresentadas foram diferentes e percebemos que muitos resultados estavam relacionados a buscas prévias que ela havia feito. Mais uma vez, o sentido de acesso a tudo se desconstrói pela regulação que estes critérios de organização das páginas buscadas impõem ao usuário.

⁸ <<https://www.jw.org/pt/testemunhas-de-jeova/atividades/publicacoes/jw-org-mais-de-300-idiomas/>>.

⁹ Cerquiglíni, B. Éloge de la variante. Seuil, Paris, 1989, 122pp. In: *Cahiers de civilisation médiévale*, 36e année (n°144), Octobre-décembre 1993. pp. 396-398.

¹⁰ Tradução livre da epígrafe.